



***ENTRE CURADORAS/ES E CURANDEIRAS/OS: CENAS-
ACONTECIMENTOS-ANALISADORAS DE UMA PESQUISA-
INTER(IN)VENÇÃO COM JOVENS PESQUISADORAS/ES DO SEU COTIDIANO
ESCOLAR***

***ENTRE CURANDEROS Y CURANDEROS: ESCENAS-
ACONTECIMIENTOS-ANÁLISIS DE UNA INVESTIGACIÓN-
INTER(IN)VENCION CON JÓVENES INVESTIGADORES EN SU VIDA
ESCOLAR COTIDIANA***

***BETWEEN HEALERS AND HEALERS: SCENES-EVENTS-ANALYZING
A RESEARCH-INTER(IN)VENTION WITH YOUNG RESEARCHERS IN THEIR
DAILY SCHOOL LIFE***

Mayara Ruth Nishiyama Soares¹

Luciana Lobo Miranda²

Marta Clarice Nascimento Oliveira³

Bruna Ribeiro de Sousa⁴

RESUMO

Este relato parte de uma pesquisa de mestrado que discutiu como jovens pesquisadoras/es enunciavam sobre as questões de gênero que atravessavam seu cotidiano escolar. Assim, a partir da criação de um grupo de pesquisa composto por secundaristas de uma escola pública, enfocamos a articulação entre gênero e arte, e, com isso, germinamos a CURA(DOR)IA. Em interlocução com a Pesquisa-Inter(in)venção e a perspectiva do PesquisarCOM, o objetivo deste relato é discutir o dispositivo artístico CURA(DOR)IA,

¹ Mestra em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

² Doutora em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

³ Graduanda em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

⁴ Graduada em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

produzido como culminância de uma pesquisa participativa com jovens pesquisadores/as do seu cotidiano escolar em uma periferia de Fortaleza/CE. Destacamos duas cenas em que essas vivências são demarcadas, percebendo singularidades acerca do que a juventude daquele território traz com relação às experiências permeadas por essas discussões. Pontuamos o encontro como um dispositivo de abertura para produção de modos de vida mais inventivos, vislumbrando na diferença e na interface desta com a arte uma via a se seguir para pensar possíveis transgressões no debate.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Gênero. Escola. Arte.

RESUMEN

Este informe es parte de un proyecto de investigación de maestría que discutió cómo las jóvenes investigadoras enuncian sobre las cuestiones de género que permean su vida escolar cotidiana. Así, a través de la creación de un grupo de investigación con estudiantes de secundaria de una escuela pública, nos centramos en la articulación entre género y arte, y con ello, germinamos CURA(DOR)IA. En interlocución con la Investigación-Inter(in)vención y la perspectiva de la InvestigaciónCOM, el objetivo de este informe es discutir el dispositivo artístico, CURA(DOR)IA, producido como culminación de una investigación participativa con jóvenes investigadores sobre su vida escolar cotidiana en un suburbio de Fortaleza, Ceará. Destacamos dos escenas en las que estas experiencias son demarcadas, percibiendo singularidades sobre lo que los jóvenes de ese territorio traen en relación a experiencias permeadas por estas discusiones. Señalamos el encuentro como dispositivo para abrir la producción de formas de vida más inventivas, vislumbrando en la diferencia, y con el arte, un camino para pensar posibles transgresiones en el debate.

PALABRAS-CLAVE: Juventud. Género. Escuelas. Arte.

ABSTRACT

This report is part of a master's research project that discussed how young female researchers enunciate about the gender issues that permeate their daily school life. Thus, through the creation of a research group with secondary school students from a public school, we focused on the articulation between gender and art, and with this, we germinated CURA(DOR)IA. In interlocution with Research-Inter(in)vention and the perspective of ResearchCOM, the aim of this report is to discuss the artistic device, CURA(DOR)IA, produced as the culmination of participatory research with young researchers on their daily school life in a suburb of Fortaleza, Ceará. We highlight two scenes in which these experiences are demarcated, perceiving singularities about what the youth of that territory bring in relation to experiences permeated by these discussions. We point to the encounter as a device for opening up the production of more inventive ways of life, glimpsing in the difference, and with art, a way forward to think about possible transgressions in the debate.

KEYWORDS: Youth. Gender. School. Art.

* * *

Introdução

Este relato parte de uma pesquisa de mestrado que discutiu como jovens pesquisadoras/es enunciam, por meio da arte, sobre as questões de gênero que atravessavam seu cotidiano escolar. Partimos do pressuposto de que o território escolar é

um espaço de transformação e disputa, em que muitas vezes questões relativas a gênero são interditas (Guacira Louro, 2009; 2013; 2020). Permeada por uma pluralidade de corpos, a escola carrega consigo as marcas de uma instituição de gerência e de controle que, com formatações ardilosas, perpetua uma métrica que define o esperado, o certo e o aceito. A disciplina fabrica indivíduos, tomando-os como objetos e como instrumentos de seu exercício, através de um poder modesto e desconfiado, que funciona de forma calculada e permanente (Michel Foucault, 1987). Essas práticas estão no cerne da instituição educacional e traduzem um desejo que se atualiza a cada época e mantém seu rumo operando na espera de um corpo padronizado e obediente, que subserve ao sistema capitalista (Louro, 2009; 2013; 2020).

Foucault (1987) traz que a disciplina visa tornar o corpo mais obediente e mais útil, por meio de uma política de coerções que manipula calculadamente os gestos e comportamentos deste, refletindo uma mecânica do poder que dociliza corpos. Por meio da gerência dura e cristalizada da instituição, traduz-se, no fim, um desejo normatizador e imperialista que tem como foco a produção de um corpo contido e preso às amarras do neoliberalismo, do racismo e do cisheteropatriarcado⁵. Desse modo, as escolas, enquanto instituições destinadas à transmissão de um determinado saber, foram produzidas sob uma perspectiva masculina heterossexual cis, que reforça, em suas práticas cotidianas, as marcas normatizantes de sexualidade e gênero (Dilton Couto Junior; Maria Luiza Oswald; Fernando Pocahy, 2018).

Atualmente, a tentativa de produção de um controle se engendra por processos de intolerância, violência e contenção de tudo aquilo que foge, ainda, a um padrão pré-determinado de uma sociedade violenta, a fim de fazer imperar uma massa hegemônica e excludente de corpos. Desde sua criação, a escola e os seus preceitos sustentam um funcionamento tradicionalista e dogmático que condena tudo aquilo que dissida, produzindo difíceis obstáculos para as expressões que fogem à norma de gênero e sexualidade hétero-CIS-compulsória⁶ nesse espaço inter-relacional.

Na realidade brasileira, a crescente onda neopentecostal de extrema direita repercute na realidade de ensino, deturpando a produção de conhecimento e a criação de um espaço possível para os distintos modos de subjetivação, com o uso da ideia de uma

⁵ É um sistema sociopolítico no qual a heterossexualidade masculina cisgênero tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais.

⁶ Refere-se à imposição da heterossexualidade e da CISgeneridade como normas sociais de sujeito, aceitas e esperadas enquanto performances na sociedade de convívio.

“ideologia de gênero”. Entendido como uma ideia conservadora, esse termo é uma ofensiva contra a desnaturalização dos papéis sociais de gênero e acaba refletindo posições tradicionais, reacionárias e fundamentalistas em relação às expressões de gênero e sexualidade na contemporaneidade (Diego Schibelinski, 2020). O termo, apesar de anterior ao governo Bolsonaro, iniciado em 2019, ganha contornos de política de governo, objetivando causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da “família tradicional brasileira”, embora, na realidade, revele o desejo de supremacia de uma corporeidade elitizada, branca e patriarcalmente constituída (Luis Felipe Miguel, 2021).

Assim, pensar a juventude vibrátil que habita o espaço educativo tensiona o pré-estabelecido instituído, com performances inventivas que guiam o corpo nesse espaço de convívio pedagógico, num direcionamento à experimentação com as tantas expressões que marcam a diferença. Isso porque essa presença, ainda que seja colocada como responsável pela sustentação de dinâmicas ímpares que acabam sendo a base para o engendramento de toda uma teia de práticas coloniais e LGBTI+fóbicas no diagrama de convívio escolar, produz, também, outros caminhos.

Partimos da concepção de juventudes – com s no final –, categoria social que reivindica modos de subjetivação múltiplos e diversos. Esse deslocamento para as juventudes colabora para a construção de um olhar mais crítico sobre essas experiências. Segundo Glória Maria dos Santos Diógenes (1998, p. 93), “É tecida em um terreno de constantes transformações”, desse modo, pesquisar com juventudes implica um esforço de considerar seus pertencimentos, seus campos de interação, suas trajetórias e experiências, atento a essa heterogeneidade. Direciona-se, então, o olhar para as juventudes não mais sob um prisma da representação, mas a partir de uma perspectiva destas enquanto sujeitos atuantes e implicados em seus cotidianos (Miranda *et al.*, 2016; Miranda *et al.*, 2017).

Nesse contrafluxo, (re)existir a partir do gênero e da sexualidade que insurgem dispara curtos-circuitos nessa rede escolar estratificada, abrindo caminhos, por meio do corpo, da invenção e da arte, que irrompem essa genérica metrificacão ideológica. Se a arte é o que resiste à morte (Gilles Deleuze, 1999), ela surge como dispositivo central para construção de modos potentes de subjetivação à vida e aos seus caminhos, numa composição que vai de encontro e destrói destinos que estruturalmente pensam vidas que dissidem para a morte. A arte surge, portanto, como aliada neste processo, produzindo novos modos de existir e compor com o mundo.

Dito isto, esta narrativa conta os efeitos de uma pesquisa de mestrado intitulada “A gente combinamos de escre(viver): Pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim”, que problematizou as discussões em torno de como jovens pesquisadoras/es enunciam, por meio de dispositivos artísticos, sobre as questões de gênero que atravessam e/ou são produzidas em seu cotidiano escolar. Essa experiência amparou-se na Pesquisa-Intervenção (PI) e no PesquisarCOM⁷, que denominaremos de Pesquisa-inter(in)venção⁸, numa perspectiva de descolonização dos processos de produção de conhecimento, utilizando-se do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM), que radicalizou concretamente esse fazer com durante o processo.

Dentre os dispositivos metodológicos escolhidos para esta inserção, criamos a CURA(DOR)IA⁹ em foco, como um trabalho de culminância das discussões fomentadas pelo grupo de pesquisadoras/es composto por secundaristas, graduandas e pós-graduanda. Neste evento em questão, habitamos uma escola pública da periferia de Fortaleza, localizada no Grande Bom Jardim, trabalhando, por meio da arte e do encontro, como questões de gênero e sexualidade poderiam ser enunciadas a partir do fazer artístico no território escolar, e narrativizando todo esse processo por meio da escrevivência, inspiradas em Conceição Evaristo.

Assim, este relato objetiva analisar o dispositivo artístico CURA(DOR)IA, produzido como culminância de uma pesquisa participativa com jovens pesquisadores/as do seu cotidiano escolar em uma periferia de Fortaleza/CE. A concepção deste relato parte de análise pós-estruturalista, com sensibilidade analítica da Interseccionalidade, aliançada a perspectivas epistemológicas contracoloniais e decoloniais. Esses olhares ampliam a análise para questões que consideram as diferenças entre raça, classe, gênero, sexualidades, território, idade, deficiências, religiões, como perspectivas que devem ser pensadas numa construção em que se olha para a educação, com o desejo de produzir vida, inclusão e conhecimento para todos os jovens. Assim, produzir com juventudes negras, dissidentes de gênero e sexualidade, sobre suas experiências em uma escola na

⁷ Perspectiva de pesquisa participativa em que a relação sujeito e objeto se dissolve, ou seja, entende-se o outro como um sujeito agente da pesquisa e não como objeto passivo das ações, é, pois, uma pesquisa que se faz com o outro, não sobre o outro. Desse modo, o COM é evidenciado em letras maiúsculas para demarcar a primordialidade da coletividade (Moraes, 2014).

⁸ Essa reescritura vem para marcar o caráter inventivo da pesquisa, na qual, inaugurada por pesquisadores da região nordeste do Brasil, não só se faz arte, como também se possibilita invenção de outros possíveis, (Costa; Barros, 2020; Menezes, Colaço; Adrião, 2018).

⁹ Ao longo do texto empregamos letras maiúsculas ao nos referirmos a CURA(DOR)IA, pois essa foi a forma usada, no decorrer do processo de pesquisa pelo grupo de pesquisadores, para evidenciar o nome da proposta.

favela orienta-se por uma ética sensível e disruptiva que visa denunciar tramas violentas e necropolíticas de extermínio de nossos corpos, à medida que produz uma narrativa que inventa um mundo possível para esses sujeitos não só no território escolar, mas também para além dele.

Procedimentos metodológicos

Pesquisa-inter(in)venção e pesquisarCOM

Na construção desta pesquisa, fomos orientadas pelo prisma da pesquisa-intervenção unida ao PesquisarCOM. Estes modos de investigação têm seu cerne nas pesquisas participativas em Psicologia Social, e a inserção do “in” no meio da palavra intervenção demarca o caráter inventivo da pesquisa, tanto por se aliar ao potencial criativo da arte, quanto por inventar, a partir da prática micropolítica, mundos outros. Ao contrário de uma lógica de extração de dados, apostamos em um agenciamento entre pesquisador e pesquisado que perfura esses limites e inventa um modo de pesquisar, sustentando um viés crítico à construção de conhecimento hegemônico (Érica Costa; João Paulo Barros, 2020).

Neste trabalho, os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de copesquisadoras do seu microcosmo escolar. Desse modo, inspiradas nas pistas de Marcia Moraes (2014), estamos propondo um pesquisarCOM, que entende o outro como um sujeito agente da pesquisa e não como objeto passivo de nossas ações, de forma que os desvios da investigação são tomados como analisadores importantes e podem anunciar novas e interessantes versões de mundo; considerando que pesquisar e intervir são inseparáveis, não pretendemos representar, pois o próprio ato de pesquisa é uma ação de produção do campo, ou seja, pesquisar “é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las” (Moraes, 2014, p. 132). O pesquisarCOM pensa no fazer pesquisa como uma composição que acontece em conjunto, uma mobilização do poder coletivo heterogêneo de narrativas que, embora em muito se diferenciem, se potencializam com o que é comum.

Território da pesquisa

Esta pesquisa aconteceu em uma escola pública de Ensino Médio que se encontra no limite entre a cidade de Fortaleza/Ce e a de Maracanaú/Ce, sendo fruto de uma parceria entre os governos municipal e estadual que atende às reivindicações da população local.

No ano de 2023, esta escola contava com 1311 alunos, oferecendo tanto turmas de Ensino Médio regular quanto de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O núcleo gestor era composto por 1 diretora escolar e 4 coordenadoras, além de por 3 funcionárias/os administrativos e 55 professoras/es efetivos. A grande maioria de seus alunos residem no bairro ou em comunidades próximas.

Ademais, ela fica localizada no Grande Bom Jardim (GBJ), que é uma região da periferia de Fortaleza/CE que aglutina cinco bairros: Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho, Granja Lisboa e Granja Portugal. O GBJ é um território marcado pela pobreza, criminalização, desigualdade, dentre outras opressões e violências impostas, entretanto, simultaneamente, também é um lugar que possui diversos equipamentos culturais e organizações sociais, além de ser palco e moradia para diversos artistas e coletivos juvenis. Desse modo, partimos do entendimento de territorialidades periféricas como localizações geopolíticas marginalizadas que produzem narrativas contra-hegemônicas coletivas e polifônicas (Beatriz Takeiti; Maria Vicentin, 2019).

Sujeitos da pesquisa

A pesquisa que deu origem à CURA(DOR)IA tinha seu grupo composto por uma mestrandia em Psicologia, três estudantes da graduação em Psicologia e quatro secundaristas, dois destes bolsistas PIBIC-EM. Nas reuniões em torno da investigação supracitada, ficou acordado que esta culminância seria aberta aos estudantes da escola-local da pesquisa que demonstrassem interesse em participar ao realizar a inscrição preenchendo um formulário próprio para tal. Por meio do formulário disponibilizado, foram obtidas 82 respostas, sendo mais da metade destas de turmas do 1º ano do Ensino Médio. Em relação à identidade de gênero, a maioria dos respondentes eram pessoas cis, principalmente mulheres cis; no tocante à orientação sexual, cerca de metade se identificou como heterossexual e aproximadamente 25% como bissexual/pansexual; e a respeito da autodeclaração racial, houve predomínio de pessoas negras.

Todavia, na CURA(DOR)IA, estiveram presentes 32 estudantes, parte destes se inscrevera pelo formulário, e outra apareceu sem inscrição prévia. Além disso, estiveram presentes todo o núcleo gestor, composto por 1 diretora e 4 coordenadoras/es, 4 professoras/es, 2 merendeiras, 1 porteiro, 14 artistas do território do Grande Bom Jardim e 9 da Universidade Federal do Ceará (UFC), no qual figurava também a equipe de pesquisa. Desse modo, analisaremos a participação dos jovens que estiveram presentes no evento e a forma pela qual ela atravessou a temática alvo do estudo.

Estratégias metodológicas

Neste trabalho focamos a CURA(DOR)IA, estratégia metodológica que, tendo a arte como cerne, foi pensada como um espaço de acolhimento às questões de gênero e sexualidade na escola, e que, enquanto evento, tomou forma como a culminância da pesquisa em questão. O evento foi planejado baseado tanto nas observações prévias realizadas pelo grupo de pesquisa e registradas nos diários-escrevientes de campo, quanto nas próprias respostas no formulário acerca do interesse na participação do evento. Desse modo, a programação foi pensada de forma que abarcasse diversas expressões artísticas em diálogo com a temática central. Em razão disso, tal dispositivo teve, em sua composição, uma manhã com diálogos – dos quais participaram jovens – acerca das vivências atravessadas pelo existir LGBTQIAPN+, mediados por duas travestis; e, durante a tarde, oficinas de teatro, pintura, artesanato, grafite e dança. Segundo Natália Santos e Roberta Romagnoli (2012), as oficinas funcionam como dispositivos de trabalhos coletivos, nos quais se busca incitar processos expressivos e produtivos, bem como novos modos de subjetivação. Constatamos que a singularidade das oficinas é trabalhar explicitamente com mecanismos que não ficam apenas no registro da linguagem, mas que envolvem também outras instâncias (Santos; Romagnoli, 2012). Além disso, as oficinas de práticas artísticas são espaços de aprendizagem inventivos de si e de mundos outros (Virgínia Kastrup; Regina Barros, 2009). Após as oficinas, houve um momento de reunião e partilha sobre as materialidades produzidas e os sentidos evocados por elas em cada membro, analisando como a temática permeia a existência de cada ser.

Ademais, utilizamos e trouxemos nas nossas discussões recortes dos diários-escrevientes produzidos pelo grupo de pesquisadores ao longo dessa investigação. Estes diários funcionaram como elaboração e atuação do/para/com o campo (Benedito Medrado; Mary Spink; Ricardo Mélo, 2014), assim à medida que dialogamos com esse diário, construímos relatos, dúvidas, impressões de modo a desenvolver a pesquisa. A partir de Conceição Evaristo (2016), os diários de campo se tornaram diários-escrevientes e ultrapassaram a função de ser apenas um registro da pesquisa, tornaram-se um registro das percepções, dos pensamentos e sentimentos de um grupo de pesquisadoras/es.

Análise de dados e questões éticas

A análise de dados se deu a partir da Análise Cartográfica operada sob um viés interseccional. Isto significa deixar aparecer as diversas vozes que compõem o fenômeno

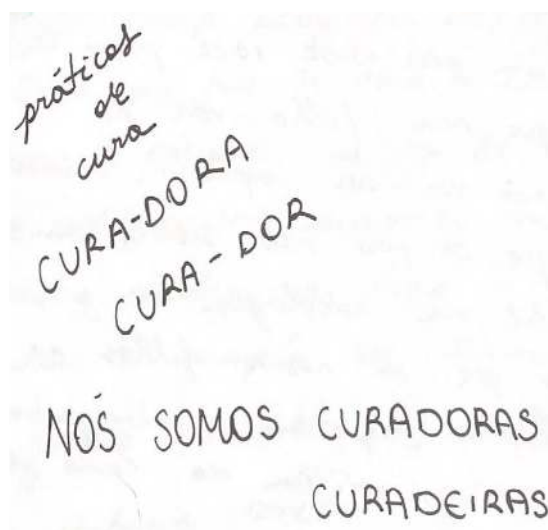
a partir do acompanhamento de processos e fluxos presentes no campo. Ademais, essa perspectiva possibilita tomar a realidade como algo mutável e, nesse sentido, fora de uma perspectiva representacional (Letícia Barros; Maria Barros, 2013). Apostamos em uma análise implicada também pela interseccionalidade, considerando-a como a “conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Kimberle Crenshaw, 2002, p. 177), sendo entendida como uma estratégia e uma atitude de análise.

A viabilidade da execução dos procedimentos metodológicos desta pesquisa se insere no desenvolvimento da pesquisa guarda-chuva intitulada “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza”, submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade em que esta pesquisa se dá e aprovada pelo mesmo órgão, com registro do CAAE nº 38817520.2.0000.5054 e Parecer nº 4.470.814.

Resultados e discussões

A CURA(DOR)IA surge como dispositivo artístico-cultural de abertura e criação de novos mundos, palavras e sentidos a despeito das implicações de gênero e sexualidade na escola em questão. Entendemos que não somente as oficinas artísticas surgiram como via de linguagem e apropriação do corpo a partir da arte, mas também que a CURA(DOR)IA como um todo opera enquanto dispositivo. Numa perspectiva de “dispositivos dentro de dispositivos” (Kastrup; Barros, 2009, p. 84), esse momento fala da possibilidade de ser um espaço coletivo de visibilidade e enunciação de linhas de força que se encontram em operação no âmbito do território demarcado, acerca da relação gênero e escola.

Parte de uma experimentação com a ideia de curadora, como aquela que é responsável por selecionar obras e gerir uma exposição, assim como com a ideia de curandeiras, aquela que produz cuidado, que se atenta às dores e particularidades de evocar experiências com gênero e sexualidade em corpos dissidentes. A partir do encontro com aquilo em que se acredita, a CURA(DOR)IA foi marcada por algumas cenas analisadoras que traziam à tona justamente as questões concernentes à temática objetivada.

FIGURA 1: *Folha do diário-escrevvente*

Fonte: Arquivo dos autores

Nesse relato, elencamos duas cenas acontecimentos-analisadoras, que se constituíram como mostras de enunciação a respeito das implicações de gênero e sexualidade na vida da juventude daquela escola. A primeira cena conta da chegada de alguns estudantes dentro do padrão normativo de sexualidade e gênero no evento em questão. A segunda cena versa sobre a apropriação e o uso do nome social por uma pessoa trans durante o momento da CURA(DOR)IA. Estas cenas foram analisadas e escritas nos diários-escrevintes das/dos pesquisadoras/es.

Cena-acontecimento-analisadora 01: heteronormatividade em ação – “os primeiros anos”.

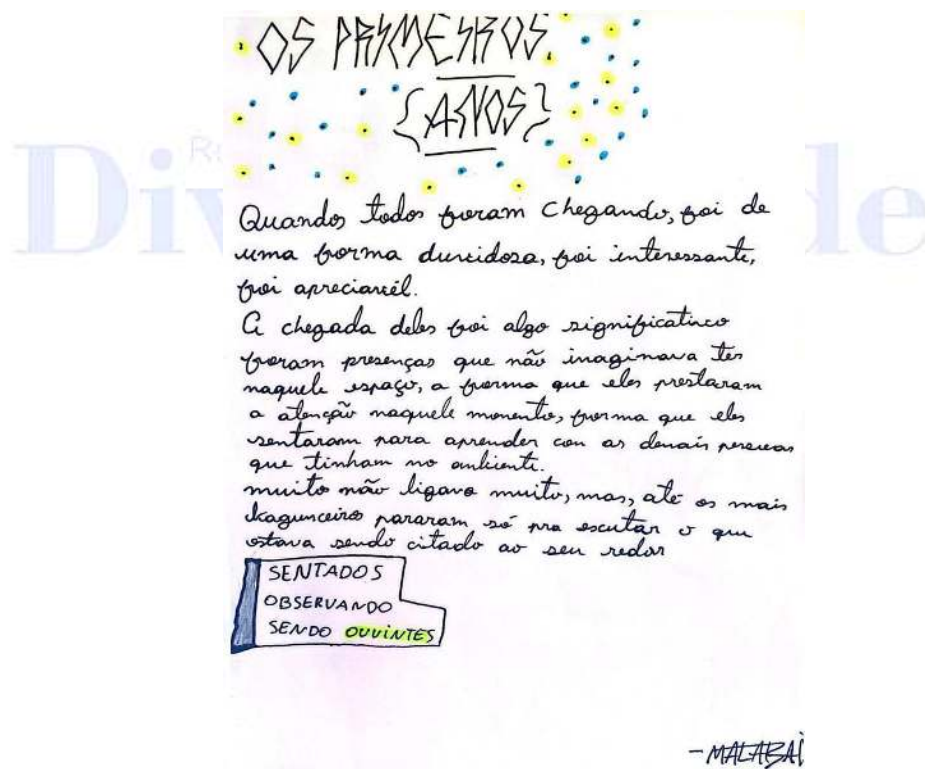
Logo no início da CURA(DOR)IA, durante o credenciamento, um grupo de estudantes chegou alegando que não havia se inscrito, mas que um dos docentes da escola havia dito em sala de aula que a atividade era considerada sábado letivo, ou seja, era obrigatória, e, caso faltassem, levariam falta, e que por isso compareceram. Essa chegada provocou algumas reações nas pesquisadoras/es secundaristas, que não queriam que aquele grupo estivesse ali. Segundo elas/eles, as turmas de primeiro ano eram mais bagunceiras, e o grupo que ali estava era composto majoritariamente por homens, brancos, cis e héteros.

O segmento portava o ideal padrão no que diz respeito à raça, ao gênero e à sexualidade, atrelados estreitamente à branquitude e à cisheteronormatividade, que, enquanto categorias, perpetuam fluxos de domínio e, também, de medo nas tessituras

sociais, fecundando exceção, exclusão e violência. O receio de não levarem a sério as discussões ali travadas, junto ao medo da reprodução de violências, pulsava nos olhos das/dos pesquisadoras/es secundaristas. A personificação da norma que esses corpos impunham provocou um anseio em relação à presença deles, que despontou enquanto acontecimento naquele momento e, aos poucos, foi diluindo-se, devido à atenção e ao respeito que foi se estabelecendo.

Quando todos foram chegando, foi de uma forma duvidosa, foi interessante, foi apreciável. A chegada deles foi algo significativo foram presenças que não imaginava ter naquele espaço, a forma que eles prestaram atenção naquele momento, a forma que eles sentaram para aprender com as demais pessoas que tinham no ambiente. muitos não ligava muito, mas até os mais bagunceiros pararam só pra escutar o que estava sendo citado ao seu redor. SENTADOS, OBSERVANDO, SENDO OUVINTES (Legenda do diário-escrevente abaixo).

FIGURA 2: *Os primeiros anos*



Fonte: Arquivo dos autores

Essa situação nos remonta à discussão de Judith Butler (2019), a qual entende que nossas ações políticas deveriam recair menos nas políticas identitárias ou nos tipos de interesses e crenças formulados com base em pretensões identitárias, indo mais por uma direção que entendesse a precariedade como uma condição existencial de todos os corpos,

mas que acaba sendo distribuída de forma diferente. Em outros termos, diante do acontecimento, esperávamos uma postura que refletisse um posicionamento essencialista a partir dos marcadores ali expostos, o que produz uma armadilha que vislumbra identidades como “idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes” (Butler, 2018, p. 42), isto é, que houvesse algo de singular e unívoco que generaliza o corpo.

Mesmo com o desconforto e o anseio, a pretensão de produzir um momento de acolhida, junto à tentativa de nos colocarmos como um espaço de abertura e aposta no que pode ser transgredido, resolvemos apostar nesse inesperado. Essa decisão acabou produzindo uma ruptura, quando percebemos posteriormente que os jovens do grupo dos primeiros anos foram os que sentaram nas primeiras fileiras, os que mais participaram, os que mais ouviram na roda de conversa coordenada por duas travestis. A frustração com as expectativas não findadas foi potente nesse momento para o grupo de pesquisadoras/es, mostrando que, pelos desvios construídos no próprio percurso de pesquisa, pistas surgem e mostram aberturas que, por vezes, parecem impossíveis, mas que abrem caminhos para o respeito, a atenção e a valorização de todas as experiências com gênero e sexualidade.

FIGURA 3: Registro fotográfico da Roda de Conversa

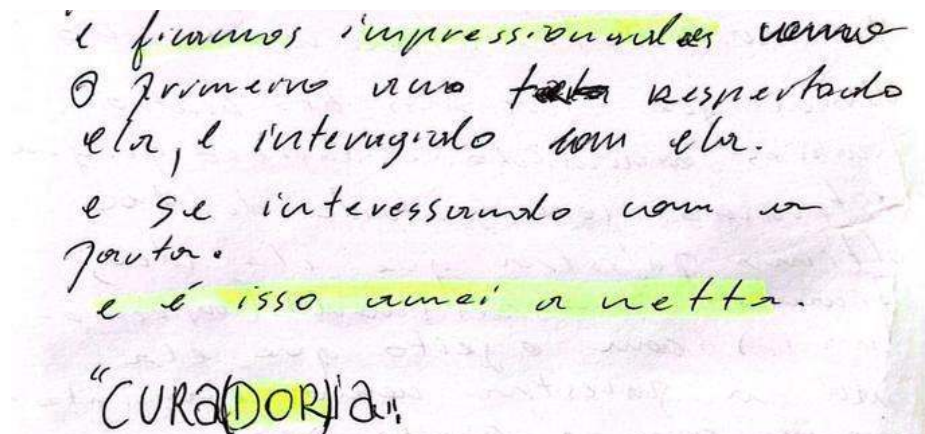


Fonte: Arquivo dos autores

Os “primeiros anos”, apesar de estarem do ponto de vista identitário, alinhados à norma, também eram corpos alvos em que recaía a precariedade, levando em consideração, por exemplo, o território ou a classe. Eram meninos héteros, pobres e

periféricos, ou seja, também eram alvo da necropolítica em seu cotidiano. Assim, abrigo os antagonismos em curso entre seus participantes, valorizando as diferenças persistentes e animadoras como o sinal e a essência de uma política democrática radical, coadunamo-nos com Butler (2018) ao sugerir um movimento que entende a ampliação igualitária das condições de vivibilidade para todas as pessoas.

FIGURA 4: Trecho do diário-escrevente



Fonte: Arquivo dos autores

E ficamos impressionados como o primeiro ano respeitando ela, e interagindo com ela. e se interessando com a pauta (Legenda do diário-escrevente acima).

No trecho acima, percebe-se a surpresa com o respeito designado a uma das palestrantes. Quando paramos para pensar sobre o que foi posto, os anseios e, sobretudo, as tentativas de construir esse evento, entendemos as faltas que ficam, bem como os espaços que elas apontam, que aspiram a ser preenchidos. Fazer essa exclusão de corpos que a princípio estão na norma nos coloca em armadilhas que podem mais afastar do que acolher. Ao longo da construção de toda essa experiência, surgem-nos indicativos de que a abertura para aquilo que parece estabelecido e sempre engendrado no campo da perpetuação da violência é passível de transgressão e mudança.

Além disso, pensando a ideia da heteronormatividade neste espaço, para alguns corpos, essa identificação no formulário e até a sustentação disso, no próprio evento, pode ter surgido como uma tentativa de estabelecer segurança, um truque que distancia os questionamentos, mas que, ainda assim, produz sofrimento por manter aquilo que não se é. Isso por que, se comumente é o corpo padronizado que não é passível de violência ou discriminação, é mais seguro aproximar-se disso, ainda que à base de aparências, já que

algumas vidas são perseguidas veementemente só por existir, por apresentar outros marcadores e sutilezas.

As dualidades pré-estabelecidas enquanto Lugar de Fala/Lugar de Escuta, Lugar de Negro/Lugar de Branco, Lugar de LGBT/Lugar de Hétero, Lugar de Trans/Lugar de CIS são fissuradas, produzindo perguntas de abertura, para, na verdade, provocar a despeito de quais os encontros e desencontros possíveis a partir da composição; de o que é estratégia de proteção ou exclusão; e de quais as barras e barreiras formadas por tudo isso.

Durante a formação de pesquisadoras/es, surgiu-nos diversas vezes, quando perguntávamos para as/os estudantes o que elas/eles pretendiam pesquisando gênero na escola, a repetição do discurso de abrir cabeças, de abrir mentes. Diante disso, se pretendíamos abrir a cabeça das pessoas, que essa abertura pudesse ser tecida a partir do encontro, a partir do sensível e político da arte, sendo a CURA(DOR)IA esse espaço. Lutamos por uma escola igualitária, que esteja alinhada aos movimentos de luta antirracista, antissexista e antipatriarcal, mas não podemos lutar sozinhas. Como fazer alguma mudança mínima se pretendemos falar só com as/os nossas/os? Que outros espaços os corpos que talvez não sejam marcados pela dissidência teriam para aprender e escutar?

FIGURA 5: *Folha do diário-escrevinte: Abrir cabeças - Florescer*



Fonte: Arquivo dos autores

Numa política de florescer a partir dessa abertura, conseguimos pensar essa composição inesperada do grupo de pesquisadoras/es durante o evento como um caminho

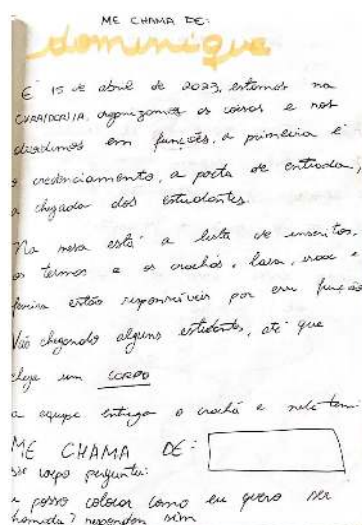
que remonta à perspectiva de transformação de uma realidade precarizada. Assim, já que estes estudantes estavam inicialmente presos em perfis identitários enrijecidos, tidos como os mais bagunceiros, não esperávamos que eles fossem direcionar a atenção para o que estava sendo discutido ali, como ocorrido durante a roda de conversa, em que escutaram duas travestis falando sobre suas experiências de gênero e sexualidade na escola.

Grada Kilomba (2019) traz que a escuta é central quando pensamos a ideia de lugar de fala. A autora coloca essa dificuldade das pessoas que estão alinhadas à norma hegemônica em ouvir, por conta do incômodo gerado pelo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única. Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do Outro foram narrativas que visavam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável. Os “primeiros anos” experimentaram esse movimento do lugar de escuta atenta e aberta e mostraram que o encontro e o reconhecimento de que posições ocupar nessas disputas são um guia possível para a invenção de vidas potentes para todos os corpos. A CURA(DOR)IA pode ter sido, portanto, um espaço de cicatrização para nossas feridas coloniais, um dia talvez curadas.

Cena-acontecimento-analisadora 02: “me chama de”.

Durante o credenciamento, outra cena-acontecimento se delineou e nos saltou aos olhos. Um dos corpos já inscritos chegou, foi assinar seu nome e receber seu crachá do evento. Ao recebê-lo, o corpo pergunta se há a possibilidade de uma escolha:

FIGURA 6: *Folha do diário-escrevvente*



Fonte: Arquivo dos autores

É 15 de abril de 2023, estamos na CURA(DOR)IA, organizamos as coisas e nos dividimos em funções, a primeira é o credenciamento, a porta de entrada, a chegada dos estudantes. Na mesa está a lista de inscritos, os termos e os crachás. Lara, Isaac e Malakai estão responsáveis por essa função. Vão chegando alguns estudantes, até que chega um corpo. A equipe entrega o crachá e nele tem: ME CHAMA DE: Esse corpo pergunta: Eu posso colocar como eu quero ser chamada? Respondem sim (Legenda do diário-escrevente acima).

No crachá, havia o indicativo “Me Chama de:”, com um espaço em branco para que as pessoas participantes escrevessem suas identificações. Essa lacuna puxa uma pergunta que transborda uma simples ferramenta de reconhecimento, escancara um questionamento que se amplia para o fora, para o mundo. Será que é possível para todos os corpos colocar como querem ser chamados? Há um desejo na inquisição que transborda a própria CURA(DOR)IA e nos faz pensar e problematizar sobre o peso e o poder de uma nomenclatura no contexto atual.

Para Butler (2018), o “corpo” é em si próprio reflexo de uma construção. Com isso, a ideia de tecer como ser chamado/a/e a partir do que se quer, se vê e, de fato, se é surge como uma perspectiva que se alinha a uma ideia de transitoriedade e contato com o mundo, que abre a discussão para se pensar na força e nos possíveis de um movimento de identificação. A escolha das palavras que antecederiam o espaço que deveria ser preenchido com o nome foi feita sem nenhuma intenção, mas fissurou o (im)possível para alguns corpos que se colocam na mira da negação de uma escolha básica. Entendemos que um nome e um corpo não são vistos de maneira anterior e primária para todas as vidas. O primado é a norma hegemônica, e o que destoa disso localiza-se no campo do inaceitável. Nessa lógica, existências que vão sendo ceifadas.

“Dominique” foi o nome social que abrilhantou este crachá e nos fez pensar na potência da gentileza e do reconhecimento, bem como na destreza do truque e da torção, pois a prerrogativa que se engendrou com este acontecimento dispara a invenção de vidas mais possíveis, que destroem esse funcionamento moral e normatizador que vulnerabiliza sujeitos. Assim, afirmando nomes e enterrando nomenclaturas mortas, ultrapassamos a limitação da ideia de sobrevivência que corpos trans e travestis carregam em suas linhas de existência.

FIGURA 7: *Crachá da CURA(DOR)IA*



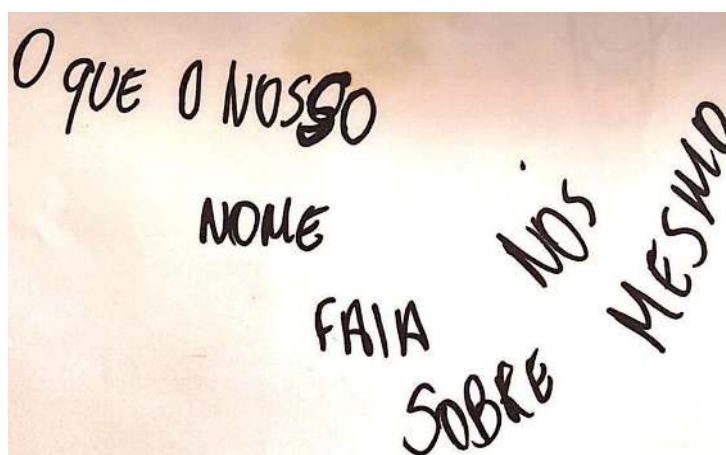
Fonte: Arquivo dos autores

O nome social é uma forma de reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans e travestis (Thais Santos; Maria Martinelli, 2018) e se impõe numa construção que visa amenizar violências cometidas sobre esse público, partindo de direitos básicos, como a identificação. No nome, carregamos a primeira referência que recebemos de nossos pais e mães, envolvendo diretamente a experiência que temos, enquanto corpo, com os ideais de gênero e sexualidade socialmente impostos, a partir da ideia biológica e CISheteronormativa baseada nos genitais que nos constituem.

Para Butler (2018), a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero através da heterossexualidade compulsória. A nomeação tem, portanto, em sua base, um desejo de padronização embasado nessa norma colonial de gênero e sexualidade, que é anterior à existência, fazendo parte de um funcionamento de mundo marcado pela hegemonia, que metrifca o corpo antes mesmo que este possa entender a si próprio enquanto ser.

Assim, são construídas as bases que estruturam esta sociedade, impondo noções que instituem o masculino para o menino e o feminino para a menina. A implicação dessas identificações marca, além da nomenclatura, uma determinação normativa com relação ao gênero e à sexualidade (Caio Próchno; Rita Rocha, 2011) que marcam o desenvolvimento ao longo da vida e ultrapassam até mesmo a esfera desta, sendo uma definição que repercute no sujeito para além da morte.

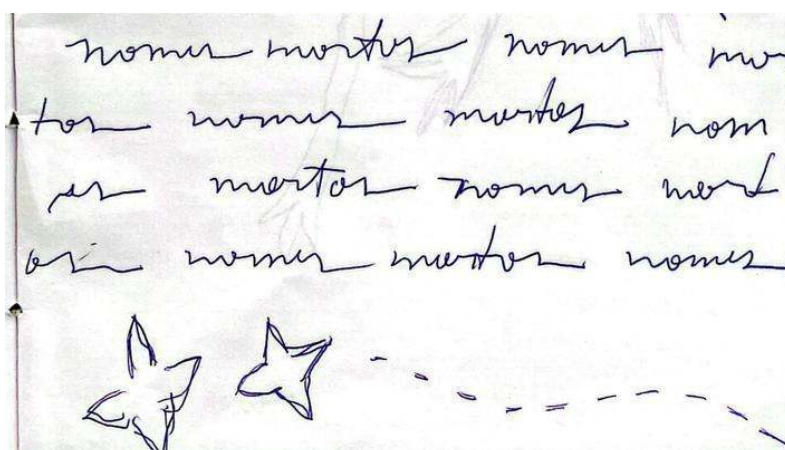
FIGURA 8: Folha do diário-escrevente - O que nosso nome fala sobre nós mesmo



Fonte: Arquivo dos autores

Ali, enquanto pesquisadoras/es CIS, nossos nomes não são passíveis de um questionamento, pois o corpo CIS é o que se espera, é o que está na linha do certo. Tudo aquilo que foge a esta norma é suscetível à desqualificação, que nega e que sustenta nomes mortos, que não dizem mais respeito, ou talvez nunca o tenham dito, à existência de determinados indivíduos. A fragilização ou mesmo a negação de um nome representam uma gerência da violência, que é sagaz e mortifica muitos, à custa do prazer de outros poucos, operando em favor de um projeto de poder anexado à “heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca” (Jota Mombaça, 2016, p. 9).

FIGURA 9: Trecho do diário-escrevente - Nomes mortos

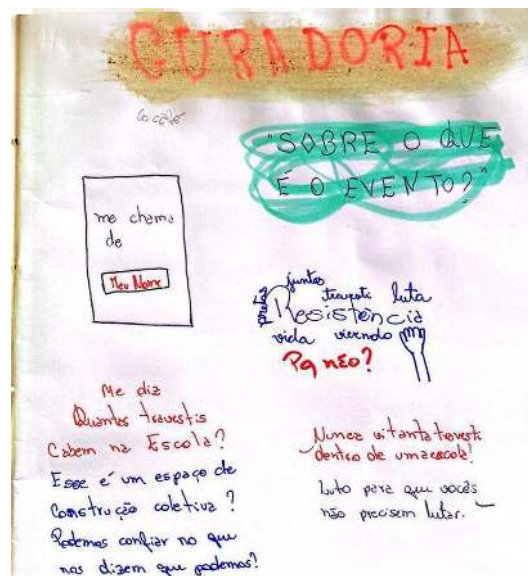


Fonte: Arquivo dos autores

A primeira regulamentação do instituto do “Nome Social” no âmbito federal aconteceu em 2010. Já em agosto de 2017, o Conselho Estadual de Educação do Ceará, por meio da resolução nº 0463/2017, garantiu o uso do nome social em escolas da Educação Básica no estado. Esta resolução reflete a luta que tem sido travada por transexuais e travestis para que o direito de usar o nome social se propagasse a universidades, estabelecimentos públicos e privados, registros e, obviamente, às escolas, espaços nos quais o ensino propriamente se inicia.

Entretanto, é notório que, apesar do direito legal a respeito do nome social, isso por si só não garante a inclusão de corpos travestis e transexuais no ambiente escolar. Segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais, 2018) embora tenham facilitado o acesso a este, as políticas públicas não garantem a permanência dessa população dentro do ambiente escolar, que, em geral, a recebe de maneira violenta: o assédio, a não aceitação do nome social usado pela pessoa, o uso do banheiro e a invalidação do conhecimento acadêmico são alguns dos desafios enfrentados. Em face disso, termos ouvido a pergunta “Eu posso colocar como eu quero ser chamada?” nos tocou, de forma que nos questionamos se seu nome social era respeitado, se, no ambiente escolar, esse corpo era chamado como gostaria de ser. Trata-se de um reflexo colonial que impera por práticas que invisibilizam nomes, realidades e vidas por meio de uma narrativa antigênero, que, no território educacional, visa sempre o corpo que é “problema” e “erro”.

FIGURA 10: Folha do diário-escrevinte CURA(DOR)IA



Fonte: Arquivo dos autores

Nesta folha de um dos diários-escrevíveis pertencente a uma das pesquisadoras, referente ao que foi a CURA(DOR)IA, uma frase chama atenção: “Nunca vi tanta travesti dentro de uma escola!”. Esta frase foi dita por uma das facilitadoras das oficinas na avaliação final da CURA(DOR)IA e ressoou em nós. Questionamo-nos que corpo cabe na escola? Corpos indisciplinadas, corpos matáveis, corpos abjetas. Segundo Butler (2018), o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Desse modo, em diferentes âmbitos e instâncias sociais, corpos transexuais e travestis estão relacionados à abjeção, numa lógica de restrição, dominação e mortificação.

Na CURA(DOR)IA, buscamos colaborar para a construção de um mundo em que corpos trans e travestis possam ocupar espaços, falando e escrevendo suas histórias na e com a escola. A afirmação desses corpos, em um espaço vibrátil como o da escola, aponta caminhos de construção para que identificações, partilhas e florescimentos possam emergir em um diagrama educacional, o qual usualmente contém o que sai do esperado. No encontro com a diferença, há inspiração para acreditar e concretizar que a vida também pode ser possível para as corpos que ameaçam a norma. É na afirmação que se diz “não” ao silêncio, à violência, à mortificação.

Considerações finais

A CURA(DOR)IA foi um espaço coletivo de visibilidade e enunciação de linhas de força que se encontraram em operação no âmbito de determinado território acerca da relação gênero e escola. Este evento possibilitou mapear os modos de subjetivação das/des/dos secundaristas implicados com a relação gênero e escola e acompanhar como elas/elus/eles narram sobre si e sobre suas formas de fazer resistência na contemporaneidade.

A CURA(DOR)IA foi um rompimento para a abertura de possibilidades. Curadoria. Curadora. Curandeira. Fizemos com a arte, pensamos na concepção de cada ferramenta artística, montamos, organizamos, trabalhamos com arte, apostando na experimentação, produzimos um *locus* de intermediação, suscitando uma heterogeneidade de corporalidades. Fizemos isso para marcar a marginalidade e a força de apostar em uma política de pesquisa participativa que não hesita em afirmar que, para

produzir conhecimento, há que cruzar mundos, não reproduzir práticas aniquiladoras e coloniais e almejar a criação de cura e a quilombamentos.

Curadoria. Curadora. Curandeira. Enunciar sobre as experiências de gênero e sexualidade entre jovens de periferia, na maioria pretos e pobres, evoca muitas dores, e, de certa forma, ali, podíamos experimentar uma prática de cura, como curandeiras e curandeiros. Inspirados em Castiel Brasileiro e Dodi Leal (2021), aqui recusamos curas por um viés psicologizante, higienista, cisgênero, branco, biologizante e binário, produzimos, assim, outras práticas curativas a partir de nossas ritualidades, nossos saberes ancestrais, nossas sabenças encantadas, bruxarias, macumbarias, nossos reisados, entre outras múltiplas formas de cura.

(...) Depois desses grupos de pesquisadores começarem a falar sobre gênero e tais muitas pessoas começaram a se sentir bem em falar sobre seu gênero começaram a se sentir mais seguros por ser quem eles são dentro da escola. Brena espera muito que as escolas sejam um local de apoio pra aquelas pessoas que não tem apoio nenhum por conta do seu gênero, que as escolas acolham elas e que a escola sinceramente não seja mais um local que eles se sintam oprimidos, que seja um local seguro para todos (Diário-escrevente, 13/06/2023, Pesquisadora-secundarista).

É nosso interesse contribuir com as forças que se erguem contra as históricas formas de opressão e violência que sofrem os corpos dissidentes de gênero e sexualidade, bem como, coletivamente, estimular a criação de espaços de criatividade e potência, em ressonância às já existentes expressões de resistência experimentadas nesses corpos. Acreditamos, nesse sentido, que a experiência da CURA(DOR)IA evidenciou, por um lado, os atravessamentos e as incorporações de gênero e sexualidade presentes na instituição escolar, que foi o território da pesquisa, e, por outro, provocou inter(in)venções capazes de ampliar compreensões normatizantes para as juventudes neste mesmo território.

Dessa forma, este artigo não pretende esgotar ou encerrar este debate, mas, em diálogo com outros estudos que também pesquisam as potencialidades dos artefatos culturais em territórios educacionais, abrir possibilidades de reflexão e análise sobre gênero e sexualidade para o campo das pesquisas participativas com juventudes. A aposta que se segue é a do encontro como um dispositivo de abertura para produção de modos de vida mais inventivos, vislumbrando na diferença – e no fazer artístico –, uma via a se seguir para pensar possíveis transgressões no debate. Como indicação para estudos futuros, espera-se que estes possam cartografar, acompanhar e construir diferentes investigações capazes de ampliar compreensões binárias e heteronormativas para as juventudes.

Referências

- BARROS, Letícia. M. R. de; BARROS, Maria. E. B. de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Rev. Psicol**, Rio de Janeiro, 25(2), 373-390. 2013.
- BRASILEIRO, Castiel V.; LEAL, Dodi T. B. **Crítica, cura e curadoria**. Urdimento, Florianópolis, v.1, n. 40, mar./abr. 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CEARÁ. **CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO RESOLUÇÃO Nº 0463/2017**. 2017. Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2017/09/resoluo-0463-2017-incluso-do-nome-social.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024
- COSTA, Érica A. G. de. A.; BARROS, João Paulo P. Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. **Revista Desidades**. número 28. 2020.
- COUTO JUNIOR, Dilton R. do; OSWALD, Maria Luiza M. B.; POCAHY, Fernando A. Gênero, sexualidade e juventude(s). **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 124–137, jan. 2018.
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.
- DIÓGENES, Glória M. dos S. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. 1998. 381f. 124 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina. B. de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. IN PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina. 2009.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LOURO, Guacira. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação/SECAD. 2009.

LOURO, Guacira. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 7-34. 2013.

LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75. 2020.

MEDRADO, Benedito, SPINK, Mary J. P.; MÉLLO, Ricardo P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Spink, M. J. P., Brigagão, J. I. M., Nascimento, V. L. V.; Cordeiro, M. P. (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294. 2014.

MIRANDA, Luciana; MOURÃO, Lorrana. Escrever COM: o que isso (re)significa? **Rev. Polis e Psique**, 6(1): 162. 2016.

MIRANDA, Luciana; KHOURI, Mauro, SOUZA FILHO, José; OLIVEIRA, Eveline. O vídeo como dispositivo na pesquisa com jovens estudantes: contorno(s) estético-ético-político(s). **Revista de Psicologia da UFC**, v. 8, p. 53-64, 2017.

MENEZES, Jaileila, COLAÇO, Veriana; ADRIÃO, Karla. Implicações Políticas na Pesquisa-Intervenção com Jovens. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9 n.1, p. 8-17. 2018.

MIGUEL, Luis F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 62, p. e216216, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo à uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Fundação Bienal (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva) e OIP – oficina imaginação política. 2016.

MORAES, Márcia. Do pesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. IN: Bernardes, A.; Tavares, G.; Moraes, M. **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia.** Vitória: EDUFES. 2014.

PRÓCHNO, Caio. C. S. C.; ROCHA, Rita. M. G. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia & Sociedade**; v. 23 n.2, p. 254-26. 2011.

SANTOS, Natália. A. dos.; ROMAGNOLI, Roberta. C. Quando a invenção pede passagem: ritmo e corpo nas oficinas de teatro do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) Noroeste de Belo Horizonte. **Mental**, vol. X, núm. 18, enero-junio. 2012.

SANTOS, Thais. F. S.; MARTINELLI, Maria. A. Sociabilidade das pessoas travestis e transexuais na perícia social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, p. 142-160. 2019.

SCHIBELINSKI, Diego. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 15–38, 2020.

TAKEITI, Beatriz. A.; VICENTIN, Maria. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp. 2019.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em julho de 2024.